
A RECEPÇÃO DE MACUNAÍMA NA ÉPOCA DE SUA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Alexandra Vieira de Almeida
Doutoranda em Literatura Comparada UERJ
aleviealm@bol.com.br

A RECEPÇÃO DE MACUNAÍMA E ALGUMAS QUESTÕES

Uma questão que até hoje suscita dúvidas é a filiação do romance *Macunaíma* ao movimento antropofágico. Para isso, analisaremos a recepção da obra na época de sua primeira publicação e algumas questões que ficaram sem uma resposta definitiva.

Para realizar esta pesquisa, procurei, primeiramente, encontrar os artigos de jornal que fizeram comentários à obra *Macunaíma*, desde o período de lançamento desta, em 1928, até o ano de 1931. Só encontrei alguns, pois não tive oportunidade de ir ao IEB para fazer uma pesquisa mais minuciosa. Na Biblioteca Nacional, encontrei vários artigos que serviram para a confecção deste artigo. Também procurei algumas revistas, como a *Movimento*, em que há um artigo no volume nº 1, sem a indicação de autor. Não encontrei a revista do Globo nº 1, de Porto Alegre, em que foi publicado um artigo intitulado “Macunaíma por Mário de Andrade”, de Augusto Meyer, lançado em janeiro de 1929, pois na Biblioteca Nacional esta revista só se encontra a partir do nº 5. Dessa forma, utilizei-me da edição crítica de *Macunaíma*, que apresenta alguns ensaios posteriores de crítica literária, como o de Silviano Santiago, que cita alguns trechos de revistas e artigos jornalísticos por mim não encontrados. Alguns artigos estão em estado físico deplorável, como o texto “Macunaíma”, publicado no *Jornal do Comércio*., Recife, 1º fev. 1928 (poema sem assinatura-recortes-loc.cit). Também utilizei textos críticos que estão na edição crítica da professora Têlé Porto Ancona Lopez. O livro de Heloísa Buarque de Holanda, *Macunaíma: da literatura ao cinema*, apresenta, no

apêndice, algumas cartas enviadas por Mário de Andrade aos seus amigos de movimento. Estas cartas também foram fundamentais, principalmente na parte concernente aos tópicos sobre plágio e antropofagia. Utilizei-me dos dois prefácios que não foram publicados na obra *Macunaíma*, por ordem do próprio Mário de Andrade. Outras cartas, publicadas na edição crítica da professora Têle Ancona, também foram muito úteis. A *Revista de Antropofagia* que utilizei não foi a original, mas a edição fac-similar, editada pela CLY em São Paulo, no ano de 1976.

Procurarei analisar, nesta pesquisa, a recepção crítica da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, na época do lançamento de sua primeira edição, em 1928. Verificarei a interação do livro com outros textos, não só de jornais, como cartas, dentre outros. O texto de Silviano Santiago, “A trajetória de um livro”, publicado na edição crítica de *Macunaíma*, tem muitos pontos importantes sobre a recepção da obra. Neste texto, percebemos que Silviano Santiago mostra a dificuldade da época em abordar, com parâmetros específicos, uma obra tão rara, uma agulha no palheiro do criticismo despreparado. Só após muitos anos é que teremos uma obra ao alcance de outra obra. O livro *Roteiro de Macunaíma*, de Manoel Cavalcanti Proença, foi, de acordo com Silviano Santiago, um “salto qualitativo na bibliografia crítica”.(SANTIAGO, 1996, p.189). As cartas de Mário de Andrade, apesar de mostrarem uma “endocrítica”¹, com certas descrições da rapsódia, análises mais rasteiras, a relação entre fonte e influência e outras ponderações, por vezes positivas, sobre o próprio romance e, algumas negativas, apresentando erros no mesmo, comentários e respostas às críticas de amigos do movimento modernista, não poderiam ser vistas como recepção crítica de

¹ Expressão utilizada por Tristão de Athayde. *Evolução da crítica no Brasil*. Gilberto Mendonça Teles (org). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/INL, 1980. Neste texto, ele afirma: “Outro traço dessa primeira fase foi o predomínio da endocrítica. Isto é, da crítica grupal e programática de uma nova geração e de uma nova escola. A figura de Mário de Andrade é que então se destaca, especialmente na sua arte poética.” (p. 228) Ou seja, uma crítica que se volta sobre si mesma, feita pelos próprios escritores. A figura do poeta-crítico já estava presente em Pound e Eliot, como críticos do modernismo.

Macunaíma, pois foram escritas pelo próprio autor da rapsódia. Para Silvano Santiago, as cartas “não servem para um estudo da recepção da obra, embora sejam de inestimável valia para a gênese de *Macunaíma*”.(SANTIAGO, 1996, p.185). A recepção crítica, por outro lado, restringe-se aos “artigos veiculados pela imprensa”.(SANTIAGO, 1996, p.185)

As dificuldades para que a obra *Macunaíma* se tornasse canônica e se legitimasse foram imensas. Primeiramente, por ter sido escrita na primeira fase do Modernismo, que ficou no ostracismo por muitos anos, sendo apenas reavaliada a partir da geração de 1945, pelos críticos especializados da cultura universitária. Além disso, os escritores do modernismo tinham um alto grau de consciência da linguagem, já que propunham uma ruptura com a retórica bacharelesca, buscando o experimentalismo, influenciados pelas vanguardas européias (1912-1922), anteriores à Semana de Arte Moderna. Devido a isso, a recepção dos críticos foi dificultada, pois estes não tinham a dimensão estética para analisar tal romance. Apenas o próprio Mário de Andrade e seus amigos de movimento modernista - já que muitos deles se tornaram críticos da própria obra - fizeram uma crítica que facilitava a compreensão de seus leitores. A centralidade do paradigma moderno foi o trabalho com a linguagem, que foi revalorizado em estudos na universidade, posteriormente. Também temos a questão do financiamento. Foi o próprio Mário de Andrade quem financiou a 1ª edição, que teve um número de 800 exemplares, pois só após 1930 é que os intelectuais modernistas foram cooptados pelo Estado, no governo de Getúlio Vargas.

Os críticos passadistas, formados num bacharelismo retórico, não tinham como trabalhar com *Macunaíma*, em que havia mistura de discursos, intersecções com outros textos. A crítica era formada com as características do século XIX, como críticos da obra de José de Alencar e outros, anteriores à proposta modernista nos seus primeiros anos, com características iconoclastas e combatentes. O choque foi muito grande. Estavam

despreparados e não compreenderam o livro e nem o próprio movimento modernista, do qual ficaram à margem. A crítica que facilita a leitura das obras modernistas surge dos próprios modernistas, num movimento que se volta sobre si mesmo. Como narrativa, *Macunaíma* não se enquadrava nos parâmetros da verossimilhança do século XIX. Tornou-se, então, um texto estranho. A *Bildung*, ligada à tradição dos clássicos, formadora da intelectualidade até então, não poderia ter um juízo qualitativo da obra em questão. No Brasil, a crítica literária sempre procurou a projeção de si mesma no passado. O conhecimento dos textos da tradição nacional formam a *Bildung* da brasilidade. Como analisar *Macunaíma*, se ele rompe, quebra, com essa formação originária da tradição? É o que iremos analisar na próxima parte sobre a dificuldade metodológica da crítica literária, ao analisar o romance de Mário de Andrade.

MACUNAÍMA E A CRÍTICA LITERÁRIA: UMA DIFICULDADE METODOLÓGICA

A primeira dificuldade metodológica que se encontra na recepção crítica do livro *Macunaíma* está na estruturação dos próprios artigos de jornal e, até mesmo, nas cartas escritas por Mário de Andrade. Percebemos várias contradições internas, em algumas passagens afirma-se que o livro representa a brasilidade, e em outros trechos desmente-se essa caracterização. A falta de definição de um projeto estético consolidado caracterizou também o Modernismo.

Os próprios escritores modernistas apresentavam essas dificuldades. Mário de Andrade demonstra essa dificuldade em uma de suas cartas, relacionando a crítica que se fez à sua obra com o impressionismo: “No certo os argumentos de você são de ordem puramente sentimental e não de ordem crítica e são inaceitáveis (...) Não gosto porque não, porque é pretensioso,

porque me aporrinha, são argumentos sem valor intelectual”.(ANDRADE, 1996, p.493)

Ainda havia a insuficiência de um maior detalhamento do romance, aliada à dificuldade de se classificar um texto tão raro. Como afirmou Silviano Santiago: “O texto é hermético, agressivo e de difícil apreensão...” (SANTIAGO, 1996, p. 187). A falta de critérios para a classificação conduz a várias afirmações, que encontramos nos artigos de jornal da época e nos textos de Mário de Andrade: “antologia do folclore nacional”, “livro polêmico”, “romance”, “brinquedo”, “romance literário”, “romance folclórico”, trabalho de “crítico” ou de “artista”. Como julgá-lo, especificamente, se em muitos textos há essas contradições patentes, falta de critérios, de definição? Como consequência disso, os textos críticos acabam caindo numa falta de julgamento firme, no amadorismo, facilidade, improvisação e confusão crítica que nem Macunaíma, em toda a sua multiplicidade, entenderia. A objetividade entre a obra a ser julgada e o sujeito da apreciação tem de demonstrar clareza de procedimentos, o que falta consideravelmente nesses textos. Então, o que os autores usam é um método descritivo, enumerativo, utilizando um tom anedótico, dentre outras características. Citando Lafetá, Raquel Esteves Lima afirma sobre a crítica presente nos artigos de jornal no modernismo: “[...] combinava a bricolagem de assuntos diversos, a visão geral da obra e de seu criador, repassada através do ‘portrait’ sainte-beuviano, e o tom de amena conversa entre amigos”.(LIMA, 1997, p. 165)

Essa falta de conscientização por parte dos críticos de revistas e jornais na época do lançamento do livro levaria ao diletantismo, numa despreocupação do ato de julgar com maior seriedade. Em “Crítica e Estilo”, Álvaro Lins afirma: “A crítica é uma consciência do fenômeno literário, do mesmo modo que a literatura é uma consciência do fenômeno vital”.(LINS, 1970, p. 115)

A técnica “estranha e bizarra” (FERNANDES, 1929) do livro produz os seus efeitos colaterais, como a afirmação de Augusto Meyer sobre a obra *Macunaíma*: “é um livro que não cabe em nenhuma classificação”.(MEYER, 1929) Tristão de Athayde irá caracterizar essa crítica, que surgiu nessa fase do modernismo como humanista: “O humanismo crítico parte da totalidade dos elementos em jogo e procura sempre atender a essa complexa atuação de influências, tanto subjetivas, como mesológicas e temáticas”.(ATHAYDE, 1980, p. 223)

De acordo com Wilson Martins, em sua crítica, muito posterior a essa fase do modernismo, a análise do crítico deveria ser uma síntese, utilizando uma multiplicidade de métodos, em que cada fenômeno literário requer um método específico, determinado “concretamente em função de um problema literário...” (MARTINS, 2002, p.41) Não havia essa flexibilidade crítica para se analisar *Macunaíma*, na época de sua primeira publicação, em que a especificidade crítica que aliava-se à situação, ao contexto da obra, foi uma fusão posterior. Por isso, a reação crítica, sem dimensões estéticas apropriadas e sem critérios e paradigmas que se acoplassem à especificidade da obra, caiu no “ ‘achismo’ sem conteúdo doutrinário nem base crítica”.(COUTINHO, 1980, p. 14)

Essa dificuldade metodológica se volta para os próprios autores do movimento Modernista, pois, como afirma João Cezar de Castro Rocha, “os próprios líderes do Modernismo produziram as críticas mais severas ao movimento”.(CEZAR, 2002, p.10) Aliada a isso, a complexidade crescente da sociedade brasileira nesse período (1900-1930), numa fase de ruptura e transição, reflete-se, por sua vez, na complexidade da linguagem das obras literárias do modernismo, que não se pautavam em regras, modelos oficiais e apriorísticos, que demonstram os limites de representação da fase anterior. A crise de um certo “modelo de literatura” provocava um colapso na forma de se analisar tais obras, um problema metodológico que se acrescenta à dificuldade do próprio texto a ser criticado.

MACUNAÍMA E A CRÍTICA JORNALÍSTICA

A crítica jornalística que girou em torno da obra *Macunaíma* foi importante, principalmente, para tentar esclarecer o público leitor, descrevendo capítulos do livro, fazendo comentários e também publicando certas partes da obra para o conhecimento do público. Além disso, como uma atividade que está vinculada ao tempo presente, fez uma mediação entre a obra e o público, adaptando-se às exigências do espaço do jornal, adequando-se à linguagem do leitor comum, difundindo a obra no mercado. A crítica ou jornal dirige-se a um público mais amplo. A leitura de jornal torna-se mais fácil de ser compreendida, mas, por outro lado, ao analisar *Macunaíma*, mostra suas contradições, que, ironicamente, confundem o leitor. Os autores citam exemplos do livro para comprovar suas teorias, e eles mesmos se contradizem. Tristão de Athayde achou importante cometer uma “indiscrição” (ATHAYDE, 1928, p. 4) para esclarecer o público sobre aspectos da obra, encontrados nos dois prefácios, que Mário de Andrade suprimiu do romance. Resolveu publicar vários trechos dos dois prefácios no artigo, para que o leitor não fosse desconsiderado. A crítica de jornal não possui grande definição técnica e estética, baseando-se, principalmente, em comentários mais superficiais. Afrânio Coutinho, em *A Crítica e os Rodapés*, assim afirma sobre a crítica jornalística:

(...) uma crítica aleatória, inconsistente sem padrões nem guias, condicionada à impressão pessoal, às flutuações dos motivos e objetivos pessoais do autor ao seu caráter, às circunstâncias do ambiente em que ele se move, às imposições de natureza extraliterária.(COUTINHO, 1969, p. 19)

Sem critérios que possam auferir maior criticidade ao romance, logicamente, não há como legitimar a rapsódia de Mário de Andrade, dentro dos cânones literários. A crítica de jornal serve apenas como veículo para divulgar opiniões, fazer comentários rápidos, sem delimitação metodológica. *Macunaíma* fica, assim, aquém de uma apreciação à altura da inventividade de Mário de Andrade.

UM ROMANCE ANTROPOFÁGICO?

A rapsódia de Mário de Andrade pode ser considerada um romance antropofágico? Primeiramente, no que diz respeito ao critério cronológico, muitas dúvidas são pertinentes. Tristão de Athayde, no artigo “Macunaíma, Vida literária”, afirmou sobre *Macunaíma*:

É de 1928 o neo-indianismo paulista, *Macunaíma*, porém, é de dois anos antes. A primeira versão foi composta, em oito dias, em dezembro de 1926 (...) A versão definitiva é de 23-12-26 a 13-1-27. São essas datas que se encontram no original que tenho em mãos...(ATHAYDE, obra citada)

Assim, de acordo com o critério cronológico, acima apontado, *Macunaíma* não se enquadraria no designativo de “romance antropofágico”. Desde 1926, datam os primeiros esquemas da obra, certamente, mas ela só é realizada, definitivamente, em 26 de julho de 1928, o que daria margem à utilização de elementos da antropofagia. Mário de Andrade, numa carta a Alceu de Amoroso Lima, afirma:

Macunaíma (28) vai sair escrito em dezembro de 1926, inteirinho em seis dias, correto e aumentado em janeiro de 1927, e vai parecer inteiramente antropófago...Lamento um bocado essas coincidências todas, palavra.(HOLANDA, 1978, p. 45)

Aqui, Mário de Andrade utiliza o verbo “parecer” e não o verbo “ser”. Poderia, neste sentido, dar uma idéia de sua não-filiação ao movimento. Mas pode, por outro lado, afirmar sua relação com a antropofagia, já que cita o ano de 1927 como um tempo de maior elaboração de sua obra – o que daria margem a ter utilizado as características do movimento, pois, embora o “Manifesto Antropófago” tenha sido publicado somente em 1928, logo na primeira “dentição” da revista, e somente na segunda “dentição” a antropofagia se tenha definido de forma mais sistemática, ela já estava delineada entre os participantes, como Oswald de Andrade, desde 1927. Assim, poderíamos perguntar: Mário de Andrade queria se libertar do “rotulo” antropofágico? Se observarmos a sua confecção literária, diríamos que não. Percebemos, no capítulo 1, a indicação de que se trata de um romance antropofágico, ao observarmos o entrelaçamento das lendas indígenas com o conto de fadas europeu. No capítulo “Macunaíma”, o índio tapanhumas transforma-se num príncipe lindo. Por outra perspectiva, como podemos classificar o romance teoricamente, visto sob a ótica da crítica literária? Obra nacional ou antropofágica? Para respondermos a essa questão, cumpre analisarmos as cartas de Mário de Andrade, enviadas aos seus colegas de movimento, os dois prefácios não incluídos na obra e os artigos publicados no jornal e revistas.

Numa carta enviada a Manuel Bandeira em 7 de novembro de 1927, Mário de Andrade já define que a personagem Macunaíma não é representativa da brasilidade como caráter distintivo com relação ao europeu: “Assim, pondo os pontos nos ís: Macunaíma não é símbolo do brasileiro como Piaimã não é símbolo do italiano”.(HOLANDA, 1978, p.56) Já nas anotações para o prefácio, em “Sintoma de cultura”, delineia aquilo que seria posteriormente estruturado na obra crítica de Antonio Candido como a dialética do particular e do universal na *Formação da literatura brasileira*. Mário de Andrade assim se exprime: “uma colaboração

pontual do nacional e o internacional onde a fatalidade daquele se condimenta com uma escolha discricionária e bem a propósito deste”.(HOLANDA, 1978, p. 44)

Outro fator que quebra com a idéia de o romance ser considerado como representante da nacionalidade, é a falta de caráter da personagem, que o autor cita várias vezes em suas cartas. Não seria a falta desse caráter o que definiria a base da antropofagia? Ou seja, por não representar uma identidade nacional definida, a oscilação entre diferentes aspectos - o particular e o universal - já em si não definiriam essa falta de caracterização unívoca?

Nas suas cartas, ele mesmo utiliza termos estrangeiros, ao caracterizar o estilo de sua linguagem em *Macunaíma*: “Não sei se você percebeu quanto a minha linguagem literária ficou dépourvue”.(ANDRADE, 1996, p. 494)

Com relação ao elemento indígena, poderíamos pensar na sua possível filiação com o caráter nacional, definido desde o romantismo como símbolo diferenciador de brasilidade. Mas Machado esclarece, em “Instinto de Nacionalidade”, que poesia nacional e Indianismo não são equivalentes.

Nos artigos de jornal, encontramos o texto “Moquem-Hors d’oeuvre”, em que o autor Oswaldo Costa demonstra, de forma simplificada, a relação entre a obra de Mário de Andrade e o movimento antropofágico: “Macunaíma é o nosso livro cíclico, a nossa *Odisséia*. Mas ele já cede à aproximação da ‘descida antropofágica’. ‘Macunaíma’ pois, os antropófagos a reivindicam para si”.² Além disso, indica a filiação desta característica antropofágica ao romantismo, o que quebra com a suposição de a lógica antropofágica ter surgido somente com

² In: *Revista de Antropofagia*, 2ª dentição. Diário de São Paulo, 14 abr. 1929, p. 6 (as: Tamandaré). *Moquem –II. Hors d’Ouvre. Revista de Antropofagia*: reedição da revista literária publicada em São Paulo. 1ª e 2ª “dentições”. Ed. fac-similar da revista de Antropofagia. São Paulo: CLY- Cia Lithographica Ypiranga, 1976.

o “Movimento Antropófago” : “Quando o moderno se voltou para o brasileiro foi para estilizá-lo, para deformá-lo, como fizeram, no outro século, com o índio, Dias e Alencar”.³

Dessa forma, percebe que esta dimensão literária é característica no interior do próprio movimento romântico, quebrando com a idéia de identidade nacional. Nas notas explicativas à obra *Ubirajara*, José de Alencar já antecipa as características que serão ideologicamente definidas pelos escritores que lideraram o Movimento da Antropofagia.

Embora muitos críticos dissessem em artigos de jornal que *Macunaíma* é uma obra que representa o símbolo da nacionalidade, de nossa brasilidade, retirando exemplos do próprio livro, podemos afirmar que se trata de uma obra antropofágica. Na revista *Movimento*, sem indicação de autor, afirma-se o seguinte: “Macunaíma não tem limites, a não ser aqueles que ele próprio se impõe, quando tangencia o mundo fenomenal”.(1928, p. 21)

O terreno do mito leva-nos a essa dimensão antropofágica, de união entre o particular e o universal. Nestor Victor afirma que, mesmo antes da propaganda antropofágica, Mário de Andrade tinha representado na sua obra “o início do neo-indianismo entre nós, como um livro pode representá-lo”.(VICTOR, 1928) Mário de Andrade se interessava por tudo que vinha de dentro e de fora do país, debatendo-se nele essa dualidade de formação oscilante entre a imposição de fora e a reação de nossa herança do primitivismo indígena. Um texto de fundamental importância encontra-se publicado em *O Jornal* de 1928, escrito por Oswald de Andrade sobre as letras paulistanas na sua época. Ele afirmou sobre a possível hostilidade de alguns escritores com relação ao movimento antropofágico. Nessa lista de nomes, inclui o próprio Mário de Andrade. Assim, ele diz: “A antropofagia é o programa, é a salvação, é o nervo do dente nacional. Do dente que há de comer o ocidente. Sem trocadilho. Termine como um protesto, contra a desorientação de Mário de Andrade”.(ANDRADE, 1929

³ Idem.

Mário de Andrade, realmente, em uma de suas cartas demonstra não ter entendido a dimensão do manifesto de Oswald de Andrade, numa carta enviada a Alceu Amoroso Lima, datada de 19 de maio de 1928:

(...) E vai também a Antropofagia que não sei como é que o Alcântara não mandou para você. Sobre ela, tínhamos muito falar...Antes de mais nada: não tenho nada com ela mas já estou querendo bem ela por causa de ser feita por amigos. Só colaboro. Quanto do Manifesto de Oswald...acho...nem posso falar que acho horrível porque não entendo bem. (ANDRADE, 1996, p. 497)

Apesar da afirmação da carta, num dos prefácios o escritor Mário de Andrade apresenta características que o incluem no movimento antropofágico, tornando-se assim contraditório em suas próprias opiniões, o que conduziria ironicamente ao complexo antropofágico freudiano, que reúne o consciente e inconsciente, o eu e o outro - o estrangeiro:

Além disso, possui colaboração estrangeira e aproveitamento dos outros, complacente, sem temor, e sobretudo sem o exclusivismo de todo ser bem nascido pras idéias comunistas. (...) O próprio herói do livro que tirei do alemão de Köch-Grünberg, nem se pode falar que é do Brasil.(HOLANDA, 1978, p.36)

Portanto, apesar da polêmica que o livro suscitou na época, especificamente quanto a sua filiação ao movimento antropofágico, não resta dúvida de que *Macunaíma* é uma obra plural, que abarca, na sua interioridade, o exterior, que pode ser comprovado não só nas atitudes do herói, como na própria linguagem, que experimenta características inovadoras que vêm de fora, como o movimento das vanguardas européias.

A OBRA VISTA COMO PLÁGIO OU INVENÇÃO?

No diálogo entre vários textos que formaram a incipiente crítica literária sobre *Macunaíma*, fica visível a relação entre plágio ou invenção, vista, por vezes, contraditoriamente e, em outros casos, de forma complementar. Fazia parte do arsenal do escritor modernista a paródia, utilizando-se de trechos da tradição passadista para criticá-los, como podemos observar em “A carta pras Icamíabas”, em que vemos cópias inteiras de frases feitas de autores do século XIX. O autor, numa das cartas enviadas a Raimundo Moraes, em 20 de setembro de 1931, afirma:

Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o sr. , na cena da Boiúna. Confesso que copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na carta pras icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa. (HOLANDA, 1978, pp.53-54)

O diálogo com outros textos estrutura constitutivamente o livro *Macunaíma*. Ora, a dialética entre cópia e invenção não é um problema brasileiro, mas sim constitutivo da cultura ocidental, desde os gregos. O criador da *mímesis* imitativa remonta a Platão. O impasse surge com Aristóteles, que por sua vez é mal-compreendido no universo latino. O trabalho de confecção do autor, como podemos ver na tragédia, já demonstrava a utilização de temas já conhecidos da tradição, mas, que através do trabalho mimético, dava um novo dimensionamento à fábula.

No século XVII, no Barroco, o conceito de plágio era anacrônico, pois era costume emular o texto original, superando-o. Mário de Andrade mesmo diz que recortou várias lendas da tradição popular e, também afirma que muitos textos foram inventados por ele. Ele mesmo

diz que deformou partes de lendas no livro. Na carta a Carlos Drummond de Andrade, datada de 20 de fevereiro de 1927, Mário de Andrade afirma: “Macunaíma não tem costumes índios, tem costumes inventados por mim e outros que são de várias classes brasileiras”.(ANDRADE, 1996, p. 491) O trabalho de rapsodo consiste em costurar várias histórias da tradição e, nesses fios da tradição, entram os elementos do esquecimento, fazendo entrar o processo inventivo do autor. Mário de Andrade, em suas cartas, cita as fontes de pesquisa, afirmando que “[...] dum e de outro fui tirando tudo o que me interessava”.(HOLANDA, 1978, p. 53)

Tristão de Athayde, no importante artigo de jornal já citado, afirma que dois prefácios são fundamentais para livrar Mário de Andrade de qualquer insinuação de plágio:

E toda a estrutura do livro e grande número de suas aventuras estapafúrdias são a reprodução, por vezes fiel, das aventuras de Macunaíma e seus irmãos, em suas lutas com o ogre Piaimã. Não se pense, porém, que o livro é simplesmente uma romaneação de lendas amazônicas. É coisa infinitamente mais complexa, como aliás tudo o que tem feito o sr. Mário de Andrade...(ATHAYDE, obra citada)

A complexidade apresenta-se principalmente com relação à linguagem utilizada por Mário de Andrade que, introduzindo elementos do experimentalismo vanguardista, produz uma quebra com relação à idéia da obra ser vista como cópia apenas. Mário de Andrade afirma que satiriza, mas que esse processo é antigo, encontrando-se em Gregório de Matos, na literatura brasileira. Esse, ao emular os poemas de Góngora, não o estava copiando, mas utilizando textos da tradição para superá-los com sua capacidade engenhosa.

Como a obra *Macunaíma*, pode ser considerada, integralmente, como cópia de várias lendas, que se caracterizam por sua linguagem popular. No texto “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”, assim se escreve: “Macunaíma tem o sabor das obras de invenção. É, sem

dúvida, pela deflagração da alegria que transmite, pelo dinamismo violento que nos comunica, o melhor dos poemas de Mário de Andrade”.⁴

Assim, a torção da originalidade cria um processo inventivo que desfigura o modelo, para estabelecer novos processos. Ascenso Ferreira afirmou que o livro *Macunaíma* “é uma das obras mais originais da nossa literatura”.(FERREIRA, 1928)

Portanto, o vínculo *Macunaíma*/plágio é fragmentado para que a via do ficcional possa atravessar, sem maiores percalços, os vazios do tecido poético, tornando esta uma obra de invenção, apesar de Mário de Andrade ter afirmado no prefácio inédito de 19 de dezembro de 1926: “gastei muito pouca invenção neste poema fácil de escrever”.(HOLANDA, 1978, p.27

Concluindo, podemos dizer que, apesar de a recepção crítica do romance *Macunaíma* ter sido incipiente, serviu para nos dar conhecimento da forma de se fazer crítica em uma época específica e sua relação com o passado. Além disso, serviu para ampliar a recepção da obra através desses veículos, como forma de esclarecer o público, embora de forma não metódica e aprofundada, devido ao espaço do jornal e da falta de parâmetros estéticos.

Por outro lado, salienta-se a própria visão de Mário de Andrade, num retorno endofágico, em que temos o movimento em espiral de sua crítica, que não se fecha num círculo perfeito, mas nos dá idéia de alguns problemas discutidos na época, que foram dimensionados pelo autor, de forma contraditória, refletindo-se esse movimento de idas e vindas no próprio jornal. Esclareceu temas relativos à nacionalidade, antropofagia e plágio, sendo discutidos tanto nas cartas quanto nos artigos de jornal.

⁴ “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade”. Livros. *Movimento*. a .1 . n° 1, RJ, out. , 1928, p. 21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. 2ª ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.
- ANDRADE, Oswald de. "As letras paulistanas em 1928: uma opinião de Oswald de Andrade". *O Jornal*. Rio de Janeiro, 27 jan. 1929.
- ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Vol III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.
- ATHAYDE, Tristão de. *Evolução da crítica no Brasil*. Gilberto Mendonça Teles (org). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/INL, 1980.
- _____. "Macunaíma. Vida Literária". *O Jornal*. Rio de Janeiro, 9 de set. , 1928.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Vol I. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. "Caminhos do pensamento crítico". Introdução Geral. In: *A crítica literária no Brasil*. Vol I. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. *A Crítica e os Rodapés*. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1969.
- FERNANDES, Aníbal. *Macunaíma: Mário de Andrade, SP. Através dos livros*. Diário de Pernambuco. Recife, 18 abril, 1929 (Recortes-loc. Cit).
- FERREIRA, Ascenso. "Macunaíma, o livro de Mário de Andrade". *Diário Nacional*. São Paulo, 7. Ago., 1928 (SS)
- HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Macunaíma: da literatura ao Cinema*. Heloísa Buarque de Holanda; apresentação: Leandro Tocantins; depoimentos de Mário de Andrade e Joaquim Pedro de Andrade. Rio de Janeiro. José Olympio: Empresa Brasileira de Filmes, 1978.
- LIMA, Raquel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*. Dissertação de Mestrado. Fale/UFGM, 1997.
- LINS, Álvaro. *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.
- "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade". Livros. *Movimento*. a .1 . n° 1, RJ, out. , 1928.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. vol I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.
- MEYER, Augusto. "Macunaíma por Mário de Andrade". *Revista do Globo*, a . 1. n° 1, Porto Alegre, jan. 1929.
- Revista de Antropofagia*: reedição da revista literária publicada em São Paulo. 1ª e 2ª "dentições". Ed. fac-similar da revista de Antropofagia. São Paulo: CLY- Cia Lithographica Ypiranga, 1976.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Em busca do tempo perdido: jornalismo literário hoje*. Anais do III Congresso Brasileiro de Escritores: Recife, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. "A trajetória de um livro." In: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. 2ª ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.
- VICTOR, Nestor. "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter". *O Globo*, 8 de out. 1928.